

ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: UMA NECESSIDADE NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Luiza da Silva Lima

Introdução

O presente artigo vem tratar da importância da educação infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança de três a cinco anos de idade. Percebendo que a maioria passa por essa etapa sem que vivencie toda experiência necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades, dessa forma surgiu a inquietação de fazer uma pesquisa com o objetivo de compreender as várias estratégias que tem contribuído para o aprender na educação infantil, do mesmo modo compreender a forma pela qual a psicopedagogia poderá contribuir para a eficácia do ensino/aprendizagem nesta etapa da educação. Baseando-se nas dificuldades de ensino/aprendizagem nessa fase, procurou-se fazer uma pesquisa científica para compreender a importância da orientação psicopedagógica para essa etapa da aprendizagem.

A lei é bem clara quanto a finalidade da educação infantil, como primeira etapa da educação básica, visa o desenvolvimento global do educando em seus vários aspectos. Seus aspectos físico, psicológico, A educação infantil, primeira etapa da educação tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos de idade em seus aspectos intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB 9394/96, art.29).

Dessa forma pode-se dizer que uma da especificidade da escola de educação infantil é criar mecanismos que possam atender a criança nesses vários aspectos, para o educando desenvolver suas potencialidades se faz necessário um planejamento baseado em seu desenvolvimento prévio, se assim não for a escola estará cometendo um grande pecado como diz Paulo Freire “uns dos maiores pecados é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela. A escola decreta que antes dela não há nada”. Considerando a vivência anterior dos estudantes o professor poderá elaborar situações pedagógicas de forma que o mesmo sinta-se valorizado e assimile o mundo em sua volta de forma prazerosa e significativa. A esse respeito nos fala (AUSEBEL,1980) “O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Averigue isso e ensine-o de acordo.”

Uma das melhores formas de ensinar a criança de educação infantil seria através de brincadeiras, ou seja, através do lúdico como literatura infantil, jogos, parlendas e músicas, práticas essenciais para o desenvolvimento cognitivo, intelectual, afetivo psicomotor e interação social. De acordo com Pinto e Ribeiro (1970). A pré-escola deve dar oportunidade para a criança realizar atividades que ajudem no processo de alfabetização tais como o uso da leitura e escrita mesmo que não haja ainda o domínio formal e sistematização dos códigos linguísticos, mas que sirva para o desenvolvimento do pensamento da criança. Dessa feita:

A pré-escola não deve ter como única finalidade a escrita (alfabetização apenas como leitura e escrita de símbolos), mas considerar alfabetização como leitura da realidade que nos cercam. Dessa forma ela pode contribuir para desenvolver capacidade de a criança ver as coisas, interpretar uma história, um fato um relato, distinguir cores,

formas, tamanhos, através de símbolos não escritos como dobraduras, maquetes, desenhos, pinturas, modelagens etc (PINTO & RIBEIRO,1970, P,45).

A escola deve ser um espaço que possibilite a autonomia de forma contextualizada. Acredita-se que a escola é um lugar privilegiado de socialização, de relações interpessoais, onde a criança possa se desenvolver em todas as suas potencialidades. Diante do que já foi dita a respeito da função da educação infantil vale ressaltar que essa fase da educação é uma das mais importantes, pois se estar se falando de seres que precisam de atenção e cuidado para que possam ser inseridos na cultura em que vivem e no mundo globalizado. A entrada na escola é um marco importante na vida da criança, pois ela estará aprendendo a resolver situações diversas, convivendo com a diversidade cultural, social e religiosa. No que diz respeito as interações sócias, ressalta-se que a diversidade de parceiros e experiências potencializa o desenvolvimento infantil. Os parâmetros de qualidade para educação infantil (V.1.BRASILIA,2006) diz que “o período da educação infantil é ideal para proporcionar ao educando a maior quantidade de experiência que for possível nas áreas: cognitiva, afetiva, psicomotora e social”. Segundo Pinto e Ribeiro(1973) “a proposta pedagógica deve ter como princípio o respeito ao contexto sociocultural e econômico do qual provem as crianças e a valorização do saber que trazem para a escola. De acordo com as autoras a pré-escola não só prepara para o ensino fundamental como para o resto da vida, pois é nessa fase que são preparadas as bases para futuras aprendizagens. Ainda de acordo com as autoras nessa fase o professor(a) não deve nem forçar nem impedir que o aluno se alfabetize. Deve dar condições para que a criança aprenda, para que ela construa o seu conhecimento, para que desenvolva todas as suas potencialidades num processo natural gradativo, dentro de seu próprio ritmo e condição cognitiva de forma prazerosa”.

Desenvolvimento e aprendizagem na educação infantil

Para melhor entendimento a respeito das aquisições feitas pelas crianças da educação infantil se faz necessário conhecer o processo de desenvolvimento e as relações existentes com a aprendizagem. Bassedas (1999) afirma que a perspectiva de Vygotsky (1984) em relação a aprendizagem escolar é de grande importância para que os envolvidos no processo de educação infantil possam entender qual é a natureza do ensino e da aprendizagem escolar e sobre os fatores que proporcionam o desenvolvimento da criança. A autora afirma que segundo Vygotsky, para que se aconteça o desenvolvimento se faz necessário produzir várias aprendizagens “as quais de certo modo, são uma condição prévia”. A pesquisadora diz que “nessas idades sobretudo na fase da creche considera-se muitas vezes que os meninos e as meninas não podem aprender se não tiverem desenvolvido previamente algumas características consideradas imprescindíveis. A pesquisadora seguiu afirmando que é comum na escola, dizer que as crianças de quatro ou cinco anos “não se pode ensinar os numerais porque elas não têm a noção e o conceito de números corretamente estabelecido”.

Contudo pode-se dizer que para estas escolas, primeiro a criança tem que se desenvolver para depois aprender. A esse respeito Bassedas diz: “nesse sentido destacamos que algumas das abordagens fundamentais feita pela psicologia de Jean Piaget está rigidamente aplicada na escola e, então, ocorre comportamento prático educativos discutíveis como promotores de boa aprendizagem”. Apara Bassedas apenas a maturação não produz as funções psicológicas próprias da natureza humana, para ela as relações interpessoais possibilita avanços em nosso desenvolvimento psicológico.

Assim entende-se que a escola de educação infantil deve ser promotora de interações sociais proporcionando dessa forma uma aprendizagem que permita o desenvolvimento das

funções psicológicas. Uma criança que não consegue realizar uma tarefa sozinha conseguirá com a ajuda de um adulto ou de uma criança mais velha ou mais experiente, assim o estudante vai interiorizando as explicações, os exemplos e mediante as observações e tentativas, mais tarde torna-se capaz de realizá-las sozinha tal procedimento Vygotsky denomina de zona de desenvolvimento potencial. Nessa fase a escola às vezes peca por não permitir essa troca de ideias entre as crianças, retardando assim o desenvolvimento das potencialidades das mesmas. “A esse respeito (Vygotsky, citado por Reviere, 1984)” afirma que as crianças aprendem, tanto através de assimilação de objetos quanto com vivências de situações de vida. Nesse contexto:

As experiências ajudam nos estabelecimentos desses esquemas de que permitem a criança conhecer as situações mais prosperas. Esse conhecimento vai dar-lhe segurança de que elas podem fazer predições e ter expectativa, pode saber que tipo de conduta se espera dela. Por isso é importante haver experiências variadas na vida diária das crianças dessa idade, mas com um certo componente de reiteração e de rotina que contribua para dar-lhe segurança e uma certa sensação de controle sobre os acontecimentos (BASSEDAS, TEREZA & SOLÉ, 1999).

Dessa feita vale ressaltar a relevância da educação infantil para o desenvolvimento das crianças. Fica claro também a importância da aprendizagem para um bom desenvolvimento psicológico. Através das experiências vivenciadas os pequenos observam e são capazes de aprender normas e condutas que devem seguir, assim como também situações que devem ser evitadas. Sobre o assunto as autoras dizem que “mesmo assim, para que os meninos e as meninas aprendam uma série de hábitos, normas de condutas e atitudes é importante a estabilidade. A criança aprenderá o que lhe é permitido em uma situação ou em outra”. Seguindo a linha de pensamento das autoras acima mencionadas, as crianças aprendem conduta também por meio de prêmios e castigos, segundo as mesmas as crianças se deparam muitas vezes com repreensões feitas por adultos em relação a sua conduta isso serve para que aprendam até onde podem chegar, percebem também até onde a outra está disposta a consentir. As birras e o desentendimento entre pais e filhos, alunos e professores retratam uma tentativa por parte da criança de medir o limite do adulto.

É preciso que se evite a inflexibilidade evitando assim que a criança aprenda a ser inflexível e incapaz de compreender situações variadas que possam ocorrer. As mesmas autoras também fazem menção aos cuidados com os castigos para que estes não venham assumir um caráter negativo, prejudicando a criança. Outra forma pela qual a criança aprende é através da imitação. Muitas vezes a criança de educação infantil surpreende os adultos imitando várias pessoas e situações. Os pais, professores e amigos servem de modelos para que representem o que gostariam de ser. De acordo com Bassedas tais situações “transformam-se em momentos de jogos simbólicos em que elas poderiam representar tanto as experiências prazerosas, como situações que lhe fazem sofrer de uma maneira ou de outra.”

Assim pode-se inferir que os jogos e brincadeiras seria de grande relevância para desenvolvimento da criança nessa fase escolar. Através do lúdico o desenvolvimento da criança acontece de forma natural e significativa. O jogo possibilita uma melhor assimilação e transformação do meio da mesma forma também a maneira de acomodar, ou seja a resolução de conflito se torna mais lógico para a criança. Assim as atividades para estudantes da educação infantil devem proporcionar prazer e que elas possam participar ativamente do processo de aprendizagem. Se o professor(a) souber explorar os jogos e brincadeiras terão recursos didáticos riquíssimos e valiosos para o processo ensino/aprendizagem.

As crianças aprendem melhor brincando e os conteúdos podem ser ensinados através de brincadeiras e jogos, em atividades predominantes lúdicas. Não existe nada que a criança precise saber que não possa aprender brincando (RIBEIRO & PINTO, 1970).

Dessa feita pode-se dizer que o lúdico é imprescindível para o desenvolvimento, interação social e aprendizagem da criança. Ainda de acordo com Pinto e Ribeiro “as atividades de brincar/jogos terão sempre objetivo didáticos pedagógicos e visarão proporcionar o desenvolvimento integral do educando”. Da mesma forma afirmam que “se alguma coisa não é possível de transformar-se em um jogo(problema-desafio), certamente não será útil a criança nesse momento. Os jogos exigem participação e reflexão por parte do educando, assim assimilam, acomodam e equilibram divergindo, assim com o ensino tradicional que não permite a participação ativa do estudante, deixando-o alienado.

A construção da leitura e da escrita na educação infantil

Para compreender o desenvolvimento da escrita, não se pode invocar apenas a espontaneidade e a criatividade da criança. Obvio que elas existem, mas não se desenvolvem numa direção aleatória. Assim não se pode contar apenas com influencias ou modelo sociais. Contudo, é evidente que que têm um papel negativo ou positivo no processo. Deve-se também compreender os mecanismos preciso de interação, cujos resultados dificilmente podem ser caracterizados como uma simples reprodução de a nível individual de uma realidade social.

No desenvolvimento da escrita, considerando como há uma construção afetiva nos princípios organizadores que não são apenas oriundos da experiência externa. Uma teoria completa do desenvolvimento infantil é exatamente o todo que se adquire de forma precisa e definida, se realiza a construção da linguagem e da escrita na criança, dentro do marco teórico da teoria de Piaget. As representações da linguagem através dos aspectos gráficos da escrita traçam caminhos, não como uma simples cópia de um modelo, as crianças reinventam a escrita numa construção própria assim pensam agem e fazem.

Assim, a psicopedagoga Emília Ferreiro inspirada na teoria de Jean Piaget e motivada pelo grande índice de crianças que apesar de passar vários anos na escola não se alfabetizavam, explica através das psicogêneses da leitura e da escrita que os métodos e estratégias utilizados para viabilizar a compreensão e aquisição de tais processos não são tão eficazes. Assim a pesquisadora diz que a partir dos dois anos a criança começa a rabiscar, este é um momento importante para oportunizar as crianças a manusear, livros, revistas, jornais. Dessa forma a criança vai evoluindo as estruturas cognitivas. Essa fase do rabisco ela denomina de garatujas.

No nível pré-silábico a criança faz rabisco que imita a escrita, nessa fase ela escreve fazendo relação com o tamanho das coisas – realismo nominal. Outra característica desse momento é a leitura global, ou seja, cada letra ou sinal vale como um todo, o nível silábico é o momento que a criança reconhece a escrita como representação da fala, segundo a autora esse é o momento mais importante da alfabetização, no nível Alfabético o estudante compreende a representação da linguagem escrita como um conjunto de letras que formam sílabas e que as letras são as partes menores da sílaba.

Diante da questão de leitura e escrita pode-se afirmar que esta etapa da aprendizagem é de grande importância para as etapas posteriores que o educando enfrentará, essa etapa exige da escola mais que cuidado e dedicação, exige conhecimento, dedicação e compromisso de toda a equipe técnica pedagógica.

A importância e os critérios de seleção dos livros infantis.

A criança deve ter contatos com livros e histórias desde cedo, mesmo antes de serem consideradas alfabetizadas, pois de acordo com Debus:

“Ao cirandar pelas linhas e entrelinhas de livros, tão cheios de coloridos e vida, tão próximos das coisas prazerosas e gestos ternurizantes, por certo a criança pequena tecerá leituras e constituirá leitor. Da leitura material do livro à leitura do texto. Do ser bebê ao ser leitor. Acreditamos que a inserção da criança no mundo lúdico da leitura literária desfaz algumas ideias preconcebidas, tais com a de que a criança pequena não é leitora” (2006. p.43).

Conforme a citação acima, construímos assim a ideia de que é possível habituar desde cedo as crianças ao gosto pela leitura, pois a escolha de livros confeccionados com materiais apropriados para o manuseio destes bebês é extremamente relevante no desenvolvimento e na relação inicial como leitor em potencial momentâneo. Materiais estes, tais como: tecidos, algodão, emborrachados, plásticos, papéis e outros, que facilitarão o contato e o envolvimento deles com o mundo literário, na fase em que tudo é levado a boca, até mesmo os maravilhosos livros de literatura infantil.

Continuando o pensamento de Debus (2006) que no momento em que a criança tem contato com livros, ao passar os dedos nas letras coloridas, nas ilustrações estampadas do livro, ela constrói ideias, dando sentido a leitura e faz assim uma leitura imaginária, ou seja, uma leitura fantasiosa de mentirinha. É importante que elas tenham este contato e o professor ou mesmo o adulto que convive com ela, acompanhe esta ação utilizando-se de algumas estratégias com: ler para eles, levando-os à biblioteca, para ajudar na introdução e na continuidade destas crianças no mundo letrado, é importante que cada professor leve a sério este momento de leitura, utilizando o livro como fonte inesgotável de conhecimento, cultura e lazer. Saber selecioná-lo, e escolhê-lo adequadamente às idades das crianças e seu desenvolvimento cognitivo, respeitando o nível de cada um.

De acordo com o pesquisador francês Paul Faucher (2000), com suas pesquisas relacionando a psicanálise à pedagogia, provaram que a leitura de imagens era um meio eficiente para estabelecer na criança o prazer, a descoberta e o conhecimento, e levá-la a explorar um meio que a rodeia, descobrindo formas, seres e coisas, criando livros destinados às crianças bem pequenas, criou um livro intitulado como “álbuns de Peré Castor”, na década de 20 que influenciou na renovação da literatura direcionado ao pequeno leitor na Europa e nas Américas. A grande escritora DEBUS (2006) afirma que ao selecionar um livro deve observar se está apropriado para o estágio de amadurecimento físico e psicológico do leitor ou pré-leitor, aquele que não saber ler, mas que terá o contato com os livros, neste caso o livro objeto, um brinquedo inesquecível.

A partir dos 18 meses a criança começa elaborar sua linguagem e os livros de figuras coloridas chamarão a atenção delas favorecendo seu desenvolvimento. Entre os 2 e 3 anos a criança já começa ampliar melhor sua linguagem identificando coisas, objetos e relacionando ao seu cotidiano, livro de imagem ou mesmo textos pequenos se torna bem interessante à elas, pois com as imagem fará relação de prováveis situações do dia a dia, e terá contato com a linguagem escrita que não domina mas que dominará futuramente. Nesta fase ela usará os seus sentidos para se envolver neste momento de leitura, cheirando, tocando e acima de tudo ouvindo, que o fará desenvolver suas potencialidades de compreender e pensar, usando prazer para conhecer, é um momento afetivo entre o leitor e o ouvinte, que geralmente são os avós, as mães ou professores de creches e pré-escolas. As crianças entre 4 e 5 anos também se encaixa

na fase pré-leitor, pois ainda não sabem ler, estão em processo, os livros devem ser atraentes, coloridos, com imagem, textos pequenos, com situações interessantes que levem o leitor a usar sua imaginação, ampliando sua visão de mundo.

Dos 6 aos 7 anos a criança já estar na fase de aprendizagem da leitura, e, é necessário seduzi-la a este mundo desconhecido da linguagem e da escrita par que ela comece a decifrar os códigos e os textos ainda devem ser breves acompanhado de imagens, envolvendo o leitor aprendiz num diálogo. O professor ainda deve ser o mediador deste contato, incentivando o aluno ao interesse cada vez maior por livros, autores, e outros gêneros literários. Ao sair desta fase é necessário que as histórias estejam sempre presente no cotidiano escolar e fora dele também, os temas podem ser mais complexo, envolvendo os alunos em problemas atuais, para fazê-lo refletir, pensar, envolvendo sentimentos, emoções ideias, desejos, para que este aluno se tornando um leitor competente, melhore sua leitura, lendo fluentemente e se torne um leitor crítico. Que segundo o nosso saudoso Paulo Freire (1989), ser leitor crítico significa ter construído uma cidadania de fato.

Ainda levando em conta a importância da escolha dos livros, Nelly Novaes (2000), salienta que além da faixa etária, devem-se levar em conta outros fatores, pois seus estudos e pesquisas baseados na psicologia experimental apontam para a importância de se observar a idade cronológica, o nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e o grau ou nível de conhecimento, domínio da leitura, dividindo assim a fase pré-leitor em 1ª infância dos (15 meses aos 03 anos), 2ª infância a partir dos (3/5 anos). A fase do leitor iniciante que começa na idade dos (6/7 anos), leitor em processo dos (8/9 anos), leitor fluente a partir dos (10/11 anos) e finalmente o leitor crítico que acontece aos (12/13 anos).

Verificamos que as proposições acima seria o ideal que reza na legislação educacional vigente LDB 9394/96, porém a realidade é que no sistema educacional público a distorção série idade tem sido um dos fatores cruciais no sistema educacional. Assim destacamos alguns livros que se adequam bem, as proposições colocadas pelos autores, como vimos anteriormente, que estudam sobre literatura infantil. São eles: O circo da Lua de Eva Furnari, O equilibrista de Fernanda Lopes de Almeida, Uma vida de contos de fadas- A história de Hans Christian Andersen de Marcos Bagno, A hora da decisão de Raul Drewnick. São direcionadas as crianças com idades específicas que retratam situações comuns à vida do leitor. Neste contexto, Betty Coelho afirma que “Devem ser respeitadas as peculiaridades e os estágios emocionais das crianças na escolha dos livros” (1993, p.28).

Sob esta perspectiva toda atenção deve ser destinada no momento de escolher os livros para as crianças, pois ler faz crescer o indivíduo, porém é necessário que estas histórias estejam adequadas ao cliente leitor para que exista uma interação entre eles. A autora Betty Coelho (1993), sugere que para cada nível devem-se oferecer histórias específicas, pois até aos 03 anos que ela chama de fase pré mágica as narrativas devem apresentar histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados), histórias de crianças. Já na fase mágica dos 03 aos 06 anos são indicadas histórias de repetição, acumulativas, histórias de fadas. Bamberg (1991) diz que os contos de fadas são bastante interessantes para as crianças entre (05 e 08/09), divergindo assim com Casa Santa (1991) que já acha melhor evitar os contos de fadas antes dos 07 anos, pelo fato de não condizer com a realidade, confundindo as crianças, não fazendo relação com seu cotidiano.

Durante toda pesquisa e estudos ficou evidente que a literatura infantil, segundo vários autores e especialistas é algo imprescindível para toda criança, embora alguns tenham pontos

de vistas diferentes em relação às idades, as escolhas dos livros e de suas narrativas. Pois deve existir uma adequação entre leitor e a obra, proporcionando ao indivíduo conhecer melhor o mundo que o cerca, identificando-se com o personagem, fazendo uma co-relação entre o realismo e o imaginário.

De acordo com o pesquisador francês Paul Faucher (2000), com suas pesquisas relacionando a psicanálise à pedagogia, provou que a leitura de imagens era um meio eficiente para estabelecer na criança o prazer, a descoberta e o conhecimento, e levá-la a explorar um meio que a rodeia, descobrindo formas, seres e coisas, criando livros destinados às crianças bem pequenas, criou um livro intitulado como “álbuns de Peré Castor”, na década de 20 que influenciou na renovação da literatura direcionada ao pequeno leitor na Europa e nas Américas.

A grande escritora DEBUS (2006) afirma que ao selecionar um livro deve observar se está apropriado para o estágio de amadurecimento físico e psicológico do leitor ou pré-leitor, aquele que não sabe ler, mas que terá o contato com os livros, neste caso o livro objeto, um brinquedo inesquecível.

A partir dos 18 meses a criança começa elaborar sua linguagem e os livros de figuras coloridas chamaram a atenção delas favorecendo seu desenvolvimento. Entre os 2 e 3 anos a criança já começa ampliar melhor sua linguagem identificando coisas, objetos e relacionando ao seu cotidiano, livro de imagem ou mesmo textos pequenos se torna bem interessante à elas, pois com as imagens fará relação de prováveis situações do dia a dia, e terá contato com a linguagem escrita que não domina mas que dominará futuramente. Nesta fase ela usará os seus sentidos para se envolver neste momento de leitura, cheirando, tocando e acima de tudo ouvindo, que o fará desenvolver suas potencialidades de compreender e pensar, usando prazer para conhecer, é um momento afetivo entre o leitor e o ouvinte, que geralmente são os avós, as mães ou professores de creches e pré-escolas. As crianças entre 4 e 5 anos também se encaixam na fase pré-leitor, pois ainda não sabem ler, estão em processo, os livros devem ser atraentes, coloridos, com imagens, textos pequenos, com situações interessantes que levem o leitor a usar sua imaginação, ampliando sua visão de mundo.

Dos 6 aos 7 anos a criança já está na fase de aprendizagem da leitura, e, é necessário seduzi-la a este mundo desconhecido da linguagem e da escrita para que ela comece a decifrar os códigos e os textos ainda devem ser breves acompanhado de imagens, envolvendo o leitor aprendiz num diálogo. O professor ainda deve ser o mediador deste contato, incentivando o aluno ao interesse cada vez maior por livros, autores, e outros gêneros literários. Ao sair desta fase é necessário que as histórias estejam sempre presentes no cotidiano escolar e fora dele também, os temas podem ser mais complexos, envolvendo os alunos em problemas atuais, para fazê-lo refletir, pensar, envolvendo sentimentos, emoções, ideias, desejos, para que este aluno se tornando um leitor competente, melhore sua leitura, lendo fluentemente e se torne um leitor crítico. Que segundo o nosso saudoso Paulo Freire (1989), ser leitor crítico significa ter construído uma cidadania de fato.

Ainda levando em conta a importância da escolha dos livros, Nelly Novaes (2000), salienta que além da faixa etária, devem-se levar em conta outros fatores, pois seus estudos e pesquisas baseados na psicologia experimental apontam para a importância de se observar a idade cronológica, o nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e o grau ou nível de conhecimento, domínio da leitura, dividindo assim a fase pré-leitor em 1ª infância dos (15 meses aos 03 anos), 2ª infância a partir dos (3/5 anos). A fase do leitor iniciante que começa na

idade dos (6/7 anos), leitor em processo dos (8/9 anos), leitor fluente a partir dos (10/11 anos) e finalmente o leitor crítico que acontece aos (12/13 anos).

Verificamos que as proposições acima seria o ideal que reza na legislação educacional vigente LDB 9394/96, porém a realidade é que no sistema educacional público a distorção série idade tem sido um dos fatores cruciais no sistema educacional. Assim destacamos alguns livros que se adequam bem, as proposições colocadas pelos autores, como vimos anteriormente, que estudam sobre literatura infantil. São eles: O circo da Lua de Eva Furnari, O equilibrista de Fernanda Lopes de Almeida, Uma vida de contos de fadas- A história de Hans Christian Andersen de Marcos Bagno, A hora da decisão de Raul Drewnick. São direcionadas as crianças com idades específicas que retratam situações comuns à vida do leitor. Neste contexto, Betty Coelho afirma que “Devem ser respeitadas as peculiaridades e os estágios emocionais das crianças na escolha dos livros” (1993, p.28).

Sob esta perspectiva toda atenção deve ser destinada no momento de escolher os livros para as crianças, pois ler faz crescer o indivíduo, porém é necessário que estas histórias estejam adequadas ao cliente leitor para que exista uma interação entre eles. A autora Betty Coelho (1993), sugere que para cada nível devem-se oferecer histórias específicas, pois até aos 03 anos que ela chama de fase pré mágica as narrativas devem apresentar histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados), histórias de crianças. Já na fase mágica dos 03 aos 06 anos são indicadas histórias de repetição, acumulativas, histórias de fadas. Bamberg (1991) diz que os contos de fadas são bastante interessantes para as crianças entre (05 e 08/09), divergindo assim com Casasanta (1991) que já acha melhor evitar os contos de fadas antes dos 07 anos, pelo fato de não condizer com a realidade, confundindo as crianças, não fazendo relação com seu cotidiano.

Durante toda pesquisa e estudos ficou evidente que a literatura infantil, segundo vários autores e especialistas é algo imprescindível para toda criança, embora alguns tenham pontos de vistas diferentes em relação às idades, as escolhas dos livros e de suas narrativas. Pois deve existir uma adequação entre leitor e a obra, proporcionando ao indivíduo conhecer melhor o mundo que o cerca, identificando-se com o personagem, fazendo uma co-relação entre o realismo e o imaginário.

A importância da atuação do psicopedagogo na escola de educação infantil

É de grande relevância o acompanhamento psicopedagógico na escola de educação infantil, já que as dificuldades de aprendizagem podem surgir logo no início da escolaridade ou até mesmo antes. Sendo o psicopedagogo um profissional que atua de forma preventiva e ou terapêutica, pode assim dá suporte psicopedagógico para a escola de educação infantil de forma que essa escola desenvolva um trabalho que valorize toda potencialidade do aprendente sem que atrepele seu desenvolvimento ou nível de alfabetização. Assim:

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processo de orientação. Já que no caráter assistência, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e as necessidades individuais de aprendizagem da criança ou da própria ensinagem. (BOSSA,1994, p,23).

Falou-se nos níveis de escrita, níveis esses que se não forem trabalhados adequadamente, dentro de uma perspectiva construtivista e o educador não tiver conhecimento, a criança pode passar muito tempo em um desses níveis e gerar assim complicações e atraso na vida escolar do estudante como nos falam Pinto e Ribeiro(1970) “ essas crianças que demoram avançar são muitas vezes consideradas deficientes incapazes com dificuldade de aprendizagem pela escola”. Neste momento tão importante da alfabetização o psicopedagogo estará atuando de forma preventiva para que atropelos nem retrocessos venham acontecer e assim o aprendente não fique marcado por rotulações. Ainda a esse respeito nos fala Weiss:

Quando a queixa escolar sobre dificuldade de aprendizagem ou produção escolar diz respeito a criança em processo de alfabetização a questão exige uma reflexão sobre o aspecto teórico do assunto (WEISS,2001).

Sabe-se que depois das pesquisas de Emília Ferreiro e a teoria da psicogênese da língua escrita, mudou-se o conceito de alfabetização. Cabendo, assim uma reflexão e investigação mais detalhada quando a queixa escolar se trata de criança da educação infantil, Pois cada criança tem seu tempo de aprender que se for pressionada ou cobrada com um tempo determinado para aprender, poderá gerar dificuldades de aprendizagem nessa fase e nas posteriores.

As dificuldades de aprendizagem se manifestam de diversas formas dentro da escola. Cada criança tem suas peculiaridades e aprendem de forma diferenciadas uma das outras e nem sempre são compreendidas pelo professor. Quando o professor não encontra mecanismos que viabilize a aprendizagem de forma prazerosa e significativa pode destruir o vínculo afetivo existente entre professor e aluno, vínculo esse tão importante para o bom desenvolvimento da aprendizagem.

Considerações finais

Diante da complexidade dessa etapa da educação fica clara a necessidade da orientação psicopedagógica nas escolas de educação infantil, sua contribuição é sem dúvida indispensável para prevenção de dificuldades de aprendizagens e garantia de um ensino/aprendizagem de qualidade. Muitas vezes, diante de uma dificuldade de aprendizagem apresentada pela criança a escola e a família chegam a pensar que estão diante de um problema patológico e, é justamente o olhar psicopedagógico que fará a diferença, através do diagnóstico que confirmará ou não as hipóteses levantadas mediante a queixa ou observação. O psicopedagogo observa o indivíduo tanto no grupo quanto em sua individualidade. Nos aspectos, orgânico, cognitivo, emocionais e sociais, trazendo, assim uma devolutiva a escola e aos pais. Estará atento também a toda estrutura da instituição observando se essa estrutura está proporcionando condições que favoreçam uma boa aprendizagem.

O olhar desse profissional deve estar voltado não só para o indivíduo em sua globalidade, mas também para o meio no qual ele está inserido com toda sua dinâmica. Todos estes aspectos devem ser levados em conta, pois são de fundamental importância para intervenção psicopedagógica. Sendo assim não pode-se negar a contribuição da psicopedagogia nesta fase da educação que de acordo com a (LDB 9394/96, art.29) é a primeira etapa da educação básica. Podendo-se assim inferir que essa é a fase mais importante da educação, pois trata-se da base educacional do indivíduo.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Celso. Os jogos e a educação infantil. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010

- ANDREOZI, Maria Luiza. Piaget: e a Intervenção Psicopedagógica. 6º Ed. Olho d'água, 2008
- ABRAMOVIC, Fanni. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo, 1997
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: Teoria análise didática. 1ª Ed. São Paulo, Moderna 2000.
- ANDREOZI, Maria Luiza. Piaget: e a Intervenção Psicopedagógica. 6º Ed. Olho d'água, 2008
- AUSUBEL, David, A Teoria da Aprendizagem Significativa. Em Construir Notícias n.34, p.5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23,24.
- BOSSA, Nádia A e OLIVEIRA Vera Barros de. Avaliação Psicopedagógica da criança de o a seis anos. Petrópolis RJ, Vozes 1996.
- CUNHA, M.A. Versiane. Didática Fundamentada na Teoria de Piaget: a nova metodologia que veio para revolucionar o ensino. Ed 5ª Rio de Janeiro, 1980
- FARIA, Maria Alice. Como usar literatura infantil na sala de aula. Ed. 4. São Paulo, Contexto 2007.
- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. Psicogêneses da língua escrita. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. Ed 47. São Paulo, Cortez 1992.
- .HFFMANN,Jussara. Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança: Avaliação na pré-escola.Porto Alegre 2001.
- OLIVEIRA, marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 4ed. São Paulo: Scipione,1997
- PINTO, Gerusa R, RIBEIRO, Lourdes. O real do construtivismo:Práticas Pedagógicas e experiências inovadoras. 8º Ed. Belo Horizonte, fapi 1970
- OLIVEIRA, marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 4ed. São Paulo: Scipione,1997
- SEVERINO,Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. Ed. 22, São Paulo, Coetez,2002.
- VISCA, Jorge. Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente. Porto Alegre, artes Médicas.1987.
- WESS,M.L.L. “Reflexão sobre a psicopedagogia na escola”. Em psicopedagogia n. 10,22, p .40-43.

WEISS, M.L.L. Psicopedagogia clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro, DPeA, 2001.

ZILBERMAM, Regina. Literatura infantil Brasileira: histórias e histórias. São Paulo, Ática 1999

.